

Mulheres brasileiras... mortes invisíveis

Para nós, mulheres brasileiras, há ótimas novidades a serem comemoradas – como a *Lei Maria da Penha*, que reprime a violência contra a mulher. Mas nem tudo é comemoração. A cada ano, por complicações da gravidez, parto ou pós-parto, morrem, no Brasil, cerca de 73 mulheres por 100 mil crianças nascidas vivas (em comparação a 19 mortes no Chile e seis no Canadá).

Morte materna é aquela que acontece *durante a gestação ou em um período de 42 dias após seu término, devido a qualquer causa relacionada com ou agravada pela gravidez ou por medidas em relação a ela*. É uma tragédia para famílias e comunidades, pois essas mulheres, que morrem jovens – com 29 anos de idade, em média, no Brasil –, são as principais responsáveis pelo cuidado das crianças e, muitas vezes, sua única fonte de sustento.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, 90% desses óbitos são evitáveis. No Brasil, a cada dia morrem quatro mulheres, em algum hospital, por causas relacionadas à gravidez. São 1.600 óbitos oficiais (nem todos são notificados), número pequeno se considerarmos o total de partos, mas que poderia ser reduzido a 160. No Chile, houve grande redução da mortalidade materna na última década, por meio de medidas que não demandam tecnologia de alto custo e controlam a hipertensão associada à gravidez, infecções e hemorragias, causas mais frequentes de óbito materno evitável. As complicações do aborto também aparecem entre as causas principais no Brasil, já que, por ser considerado criminoso, ocorre na clandestinidade, sob condições precárias de assistência para as mulheres mais pobres.

Há décadas se dispõe dos meios necessários para que nenhuma mulher morra por complicações associadas à gravidez. No entanto, ainda se morre, e de forma muito desigual. No Estado do Rio de Janeiro, entre 2001 e 2003, aquelas que tinham menos de três anos de estudo morreram quatro vezes mais do que mulheres com nível universitário. Além de ser socialmente desigual, há também grande disparidade racial: mulheres pretas morreram cerca de cinco vezes mais, independente dos anos de estudo.

Contribuindo para o aumento do risco de mortalidade materna e neonatal no Brasil, as taxas de cesariana, muitas vezes indicada sem justificativa, estão entre as mais altas do mundo. Apesar da instituição do Pacto Nacional pela Redução da Mortalidade Materna em 2004 – que visa garantir adequado atendimento ao parto, acesso ao planejamento familiar, implantação da vigilância do óbito materno e educação permanente dos profissionais – não evoluímos muito. Cabe à sociedade mobilizar-se e exigir que esses objetivos se tornem realidade, integrando esse tema ao contexto mais amplo dos direitos humanos e diminuição da pobreza em nosso país.

Partos são eventos previsíveis, ao contrário de súbitas epidemias, o que torna inexplicável que gestantes sejam obrigadas a buscar, por meios próprios, um lugar para dar à luz. É preciso importar-se com cada uma dessas mortes para que deixem de ser invisíveis ou rapidamente esquecidas após comoverem quando estão na mídia, substituídas pela tragédia do dia. Como é mesmo o nome daquela adolescente do Município de Duque de Caxias que, no início do ano, peregrinou em busca de atendimento até a morte? Por que mesmo ela morreu?

Dóra Chor

Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca,
Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil.
dorinha@ensp.fiocruz.br

Kátia Silveira da Silva

Comitê de Prevenção e Controle de Morte Materna e
Perinatal do Estado do Rio de Janeiro.
Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz,
Rio de Janeiro, Brasil.

Maria Teresa Cravo Almeida

Comitê de Prevenção e Controle de Morte Materna e
Perinatal do Estado do Rio de Janeiro.
Secretaria de Estado de Saúde e Defesa Civil do
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Silvana Granado Nogueira da Gama

Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca,
Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil.

Luciana Santiago Tavares

Comitê de Prevenção e Controle de Morte Materna e
Perinatal do Estado do Rio de Janeiro.
Secretaria de Estado de Saúde e Defesa Civil do Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro, Brasil.